

VIII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XIV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental – 2018

Proposta de mesa redonda

Título da Mesa: A clínica como via de transmissão da Psicanálise na Universidade: a possibilidade de uma invenção.

Alguns efeitos da direção psicanalítica na gestão do serviço de triagem no centro de psicologia aplicada da UFRJ.

Introdução

Ao contrário do dito popular, Freud não explica. E o que explica não, necessariamente, elimina a questão do sujeito. Ou a psicanálise poderia transformar-se em um curso profissionalizante capaz de ser reproduzida em série, sustentada através dos manuais. Freud convoca-nos.

Quando nos localizamos em um curso de psicologia, alocado em uma universidade, estamos submetidos a discursos que, em muitos momentos, dificultam a transmissão e o exercício da psicanálise. Termos, como: “cientificidade, eficácia comprovada, praticidade, pesquisa quantitativa, avaliação clara do método de trabalho e resultados, prevenção, neurociência e terapias científicas”, aparecem no cotidiano de quem responde pelo lugar de psicanalista em uma universidade. **Uma referência que, curiosamente, costuma se impor a nós nas situações delicadas, nos casos graves, nos chistes em relação ao estatuto da psicanálise, à importância da sexualidade e a revelação dos atos falhos.**

Freud, porém, nos ensina a trabalhar com as resistências através da transferência, apontando, exatamente, para o que escapa a essa lógica dita científica e racional da psicologia (Freud, 1912/1996). Se cairmos no engodo de forçar a psicanálise a apontar uma ou outra verdade tão importante e fundamental, como é feito em outras teorias a respeito do homem, correremos o risco de inviabilizar um lugar mais produtivo para a psicanálise, alimentando uma rivalidade cansativa que nos exige uma posição de ‘defesa’ que mais aponta para a nossa dificuldade de sustentar as particularidades da ética psicanalítica. Mais vale retomarmos as palavras de Freud, destacando que "a psicanálise é justificadamente desconfiada" (Freud, 1900/ 1996, p. 475),

quando faz referência à necessidade de o analista ficar atento ao que interrompe as associações do paciente, agindo como resistência. Manter um lugar de desconfiança/suspeição/questionamento diante do que se ouve, em dias em que a cientificidade almeja, equivocadamente, alcançar a verdade, é primoroso e faz uma diferença considerável na posição e no aprendizado do aluno.

A clínica como via de transmissão

Ao dizer ser o analista aquele, que precisa analisar-se para ocupar seu lugar de trabalho, Freud (1912a/1996) problematiza a importância e a função do saber clínico na formação daquele que, transferido com a teoria psicanalítica, opta por sustentar esse lugar. Quando a psicanálise encontra-se em um curso de psicologia, envolvendo portanto outros direcionamentos em relação à formação do aluno, deparamo-nos com uma série de dificuldades, que mobilizarão aquele que aposta na Universidade como um lugar possível para a transmissão da psicanálise enquanto prática clínica e, não só, como teoria.

Retoma-se, então, a importância da experiência clínica como forma de transmissão daquilo que é mais particular à psicanálise: a existência e os efeitos do inconsciente, o trabalho sob transferência, a singularidade de cada caso, o limite da teoria, a particularidade da escuta, a impossibilidade de ensinar alguém a ouvir, a satisfação gozosa do sintoma, a necessidade de um desejo singular para ocupar o lugar de analista. Assim, sem termos a ambição de formar psicanalistas, já que a Universidade não se presta a isto, o que seria possível fazer então para aproximar o aluno da prática?

Foi assim que cheguei ao Centro de Psicologia Aplicada (CPA), uma clínica escola, ligada à UFJF. Seu objetivo geral é permitir ao aluno aprender com a prática profissional e, em termos específicos, visamos a formação de alunos, o desenvolvimento de pesquisas e serviços de extensão à comunidade.

Um dos grandes problemas da instituição era sua fila de espera, contando em 2017 com mais de 100 pessoas. O CPA oferece atendimento gratuito em um lugar central na cidade de Juiz de Fora e é conhecido como uma instituição vinculada à Universidade Federal, gerando uma relação de confiança e grande procura dos usuários. Apesar da grande fila, observamos também um alto índice de desistência dos atendimentos, criando um fator dificultador para o aluno no período de estágio. Esta não é uma característica apenas do CPA mas dos serviços escola de modo geral. Neste sentido, investigações

buscando desenvolver meios de, simultaneamente, estender o atendimento a um maior número de pessoas e manter sua qualidade, podem ser de grande valia. Como podemos pensar em estratégias que viabilizam isso a partir da teoria psicanalítica?

Assim, propomos uma triagem estendida (Herzberg & Chammas, 2009), na qual o aluno dos quinto e sexto períodos, selecionado previamente para esse projeto, realiza em média seis atendimentos com o paciente. Esse número permite variações e tem como intuito conceder um certo ‘tempo’, mínimo mas necessário, para uma relação entre o aluno e o paciente poder se dar de forma mais efetiva (valorizando o uso da transferência como via de intervenção), com o fim de o paciente ter mais tempo e espaço de repensar seu pedido de tratamento, responsabilizando-se disso. Vale destacar que:

“(...) a triagem deve ser mais do que a mera coleta de dados sistematizados para subsidiar a construção de um encaminhamento. Entendida como um processo, é um espaço privilegiado para reflexão, no sentido de permitir avaliar com o paciente as reais possibilidades de atendimento no serviço naquele momento, bem como discutir alternativas de acolhimento nos demais serviços...” (Salinas & Santos, 2002, p. 190).

Algumas perguntas ganham destaque nesse atendimento inicial, tais como: o contexto em que surgiu o pedido de tratamento e se, de fato, sustenta-se no tempo de hoje (visto as pessoas estarem a um certo tempo na fila); se há uma demanda de tratamento psicológico ou se a pessoa quer respostas rápidas e milagrosas, sem se investir no tratamento. As entrevistas e os encaminhamentos, dados aos participantes, são discutidos em encontros semanais com a psicóloga e a coordenadora do CPA.

Vale ressaltar que a triagem é realizada a partir de um direcionamento psicanalítico, apresentado aos alunos em encontros periódicos. Os alunos denominaram os tais encontros de supervisão, ocorrem em um formato aberto, como um espaço de fala para eles. Há os relatos dos atendimentos, pontuações dos casos e a possibilidade de os alunos colocarem suas angústias, pedindo orientações. Os casos, porém, não necessariamente serão atendidos pelos alunos que fazem estágio em clínica psicanalítica. Atualmente, temos dois campos de estágio em clínica: psicanálise e Tcc. Ainda não temos informações que confirmem se, a partir da triagem estendida, os pacientes terão maior adesão ao tratamento mas, de fato, em seis meses, conseguimos sanar a fila de espera visto muitos pacientes perceberem que não necessitavam de atendimento psicológico. Estavam ali, muitas vezes, porque foram encaminhados por outros profissionais, amigos

ou familiares, possuíam algum sofrimento, mas não estavam dispostos ou não tinham demanda suficiente para dar início ao atendimento. Alguns, também, deram-se por satisfeitos com os encontros iniciais, utilizando os mesmos como um espaço de fala para suas angústias e tristezas que, de certa forma, foram acolhidas pelo aluno e redirecionadas pelo próprio sujeito.

Nesse primeiro semestre de implantação da triagem estendida, ou seja, ainda em um momento bastante inicial, destacamos algumas questões bem interessantes no que tange tanto à formação do aluno como à condução dos casos. Dentre elas, destacamos um ponto central nada simples, atinente à condução de um tratamento: o que é uma demanda de tratamento? Norteamos esses primeiros seis encontros através de alguns direcionamentos: deixar o paciente falar livremente, não tecer juízo de valor a respeito do que é ouvido, tentar destacar o que se repete na fala do paciente, ressaltar o lugar de onde o paciente fala de suas queixas, como ele se localiza diante da demanda de tratamento e o que estranha o aluno na sua fala.

Os alunos, por sua vez e em sua maioria, não haviam tido ainda a experiência de estar diante de um paciente. Destacamos então, algumas falas que apontam para uma experiência, ainda inicial mas muito importante, em relação à responsabilidade de ouvir alguém, como, o engodo de que roupa vestir, o que anotar no prontuário, a procura por textos próximos de manuais com fins de se aplacar a angústia do que dizer para o paciente ou os pais, quando atendem crianças, quando são convocados a dizerem o que o paciente possui, quando precisam apontar uma hipótese diagnóstica para o caso, como lidar com a transferência do paciente visto ter-se de encaminhar o paciente para o estagiário ao final dos seis atendimentos.

Existem exceções ao funcionamento da triagem estendida quando alguns casos não seguem esse movimento de seis encontros e encaminhamento. Destacamos, aqui, um caso que permaneceu em atendimento com a aluna, desde março deste ano, devido a sua complexidade (suspeita-se de uma psicose) e forte transferência da paciente pela aluna e o próprio posicionamento da aluna que toma a paciente em trabalho analítico desde o início do atendimento.

Outro ponto a ser destacado é o fato de ter-se, a princípio, um prazo para concluir aquele momento inicial com a paciente, levando a pessoa, que a estava atendendo, a tomar

um posicionamento de encurtar o tempo de compreender, estabelecido por Lacan (1945) em seu texto do tempo lógico. Assim, quando a paciente conseguiu enxergar que aquela queixa tinha a ver com ela própria, optamos por encaminhá-la para a pessoa, que iria atendê-la a partir de então, a fim de não se estender o número de atendimentos, fortalecendo o vínculo transferencial com a pessoa que não iria, de fato, assumir o caso.

Além disso, mais uma vez fica claro como o tratamento de ensaio (Freud, 1913) pode fazer parte do tratamento em si, mesmo alterando a figura de quem escuta durante o processo. Frases, como: ‘não havia pensado nisso’, ‘isso de fato é verdade’ diante da constatação da repetição, ‘acho que não quero saber disso’, quando destacadas e trabalhadas durante o processo de triagem, indicavam a possibilidade de uma retificação não só subjetiva, mas da própria demanda de tratamento (Quinet, 2009).

Juntamente com o estabelecimento da triagem estendida, outras alterações foram efetuadas na instituição. Ao questionar a entrada dos casos, automaticamente interrogamos a saída dos mesmos, revendo com os supervisores de diferentes linhas de trabalho, o que faz um paciente permanecer ou não em tratamento na instituição (motivo), por quanto tempo (limite) e sob quais condições (desenvolvimento do trabalho). Esse movimento foi motivado pela estranheza, gerada em nós, haja vista o fato de termos um número considerável de casos a quatro, cinco anos na instituição, passando por diversos alunos durante todo esse tempo; casos atendidos não só na psicanálise, mas também na Tcc.

Estabelecemos na instituição, o plantão psicológico para possível atendimento tanto do aluno, como de profissionais parceiros e, ainda, um espaço de fala através de rodas de conversas com temas sugeridos pelos próprios alunos. Por ser muito delicado o atendimento ao aluno da psicologia pelos próprios alunos dos últimos períodos, ele nunca poderá ser atendido na instituição. A chegada da psicóloga na instituição permitiu a abertura e sustentação desse trabalho e de outros que enriquecem o objetivo do CPA na formação dos alunos. Vale ressaltar que o fato de a coordenação e a psicóloga da instituição poderem partilhar da direção psicanalítica em suas práticas gerou um espaço de escuta e parceria singulares.

Essa proposta vai na direção do que temos pensado como via de trabalho para sustentar-se o lugar da psicanálise na universidade, qual seja, permitir que o aluno sinta

na própria pele, os efeitos de estar sob o discurso analítico, seja como paciente ou alguém que experimenta o que seria o lugar de analista. Uma coisa é trabalhar com os textos de Freud e Lacan, partilhar a construção e alteração de conceitos, apresentar casos clínicos, discuti-los em seus diagnósticos e conduções; outra é colocá-los diante do paciente e permitir que falem de suas questões e angústias. É comum eu ouvir que poucos alunos optam pelo estágio em teoria psicanalítica (e de fato a clínica é mesmo para poucos), mas muitos foram procurar um analista para iniciar um tratamento. Isso é um efeito de transmissão?

Concluindo

A psicanálise não se transmite como qualquer outro saber (Lacan, 1969/70, p.188). A pergunta, a respeito do que nos ensina a psicanálise e de como ensiná-la, percorre toda a transmissão de Lacan. ‘Como ensinar’ essa experiência que toca o limite do intransmissível? Lacan propõe o termo ‘ensinante’ (Tigre & Vidal, 2003, p.141) para designar aquele que ensina, assinalando sua posição próxima ao do analisante, isto é, aquele que realiza o trabalho de uma análise. Esse lugar gera um descentramento de quem fala visto ser o ensinante aquele que aceita o desafio de dizer, sem saber o que diz, colocando em ato a função da falta inerente à palavra.

O espaço da psicanálise nas universidades acaba sendo, forçosamente, criado a partir dos próprios impasses, estranhezas e insucessos que a clínica apresenta ao profissional. Lacan disse que a psicanálise, muitas vezes, exerce a função de um pulmão artificial em tempos de discursos que calam o sujeito. Ela permite um fôlego ao instituir um espaço de fala e trabalho do gozo e completa, belamente: “para que a história continue” (Lacan, 1974).

Bibliografia:

FREUD, S. *Obras completas* ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

(1900) “A Interpretação de sonhos”, v. V.

(1912) “A dinâmica da transferência”, v. XII.

(1912a) “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, v. XII.

(1913). “Sobre o início do tratamento”, v. XII.

HERZBERG E. & CHAMMAS D. “Triagem estendida: serviço oferecido por uma clínica-escola de Psicologia – USP “In: *Paideia*, vol. 19, no. 42, Ribeirão Preto: 2009, p. 107-114.

LACAN, J. (1945) “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.

_____ *O seminário, livro 17, O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1994.

_____ “Declaration à France Culture”. In: *Le Coq-Héron*, nº 46/47, Paris: 1974, p. 3-8.

MARCOS C. “A Supervisão em Psicanálise na Clínica Escola: Breve Relato de uma Pesquisa”. In: *Revista Mal-estar e subjetividade*, - vol. 11, no. 3-4 - Fortaleza: set/dez 2012, p. 853 - 872.

PRODOCIMO & HUEB. “Acolhimento psicológico na clínica escola: um relato de experiência”. In: *Perspectivas em Psicologia*, vol. 16, no. 1, Uberlândia: jan/jun 2012, p. 46-56.

QUINET, A. *As 4 mais 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Zahar, 12ª. Edição, 2009.

SALINAS P. & SANTOS, M.A. “Serviço de triagem em clínica escola de psicologia: a escuta analítica em contexto institucional”. In: *Psychê*, ano VI, no. 9, São Paulo: 2002, p. 177-196.

TIGRE A. & VIDAL M.C. “A psicanálise não se transmite como qualquer outro saber”. In: *Escola Letra Freudiana - A análise é leiga – da formação do psicanalista*. Ano XXII, no. 32, 2003.

"Eu, Alinne Nogueira Silva Coppus, autora do trabalho intitulado Alguns efeitos da direção psicanalítica na gestão do serviço de triagem no centro de psicologia aplicada da UFJF, o qual submeto à apreciação da Comissão Executiva do VIII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XIV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, concordo que os direitos autorais, a ele referentes, tornem-se propriedade exclusiva da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental - AUPPF, sendo vedada qualquer reprodução total ou parcial, em qualquer outra parte ou meio de divulgação impressa ou virtual sem ser a prévia e necessária autorização solicitada por escrito e obtida junto à AUPPF".

22 de julho de 2018

Alinne Nogueira Silva Coppus (cpf 03828761640)